



## A APDSI E ISCTE-IUL COORGANIZAM DEBATE SOBRE TRANSFORMAÇÃO DIGITAL NAS ORGANIZAÇÕES

**Lisboa, 17 de dezembro de 2019** – O debate coorganizado pela APDSI e pelo ISCTE-IUL, no passado dia 12 de novembro de 2019, pretendeu lançar a reflexão sobre de **que forma os diplomados de cursos denominados não tecnológicos podem contribuir para a transformação digital das organizações**, contando, para o efeito, de testemunhos pessoais dos oradores convidados.

Cristina Moura Rebelo, Coordenadora do Grupo de Missão “Transformação Digital” da APDSI e diretora operacional de TV no IT da Altice Portugal, iniciou a sua intervenção com a seguinte pergunta: “O que é a transformação digital?”. No seu ponto de vista, caracteriza-se como uma mudança de forma, denominando-a de metamorfose. Refere também que, a par com a mudança cultural, a tecnologia nos ajuda a ser mais eficazes e humanos.

### LARA AZEVEDO: DE GESTÃO A PROGRAMAÇÃO

Lara Azevedo, licenciada em gestão, trabalha na área de integração na Deloitte, especificamente no projeto CitySynergy (no âmbito das *smart cities*).

Na sua opinião, a tecnologia e a informação evoluem muito rápido verificando-se que, tal como no seu caso, as nossas gerações não têm uma única carreira mas, pelo contrário, a experimentação e a mudança de carreira são cada vez mais frequentes.

## GONÇALO TORGAL: A TRANSFORMAÇÃO DIGITAL NAS ORGANIZAÇÕES

Gonçalo Torgal é formado em gestão e finanças, e trabalha atualmente em Marketing Digital Analytics.

Em conjunto com um grupo de amigos criou o blog “Through my eyes”, que procura desenvolver o voluntariado internacional no seio das universidades. Com o apoio de todos conseguiu angariar fundos para doar a várias organizações sediadas em Moçambique.

Segundo Gonçalo Torgal, a gestão, a economia e o *marketing* servem de base a tudo o que existe nas empresas.

“Hoje seguimos líderes mais facilmente graças ao mundo digital”, conclui Gonçalo Torgal.

## TERESA GÂNDARA: UM EXEMPLO NO TECIDO EMPRESARIAL

Teresa Gândara começa por dar a conhecer a Noesis, uma consultora de inovação tecnológica, que tem crescido muito nas suas principais áreas: infraestruturas, *software*, qualidade e pessoas.

A Noesis aposta numa grande diversidade de faixas etárias, sendo que a dos 26-35 anos é a que tem uma maior representatividade. No que diz respeito ao sexo feminino, este encontra-se representado em 30%.

É possível virem a integrar a equipa pessoas provenientes de qualquer licenciatura e/ou formação, o que demonstra uma grande abertura.

Foram também apresentadas diversas iniciativas que se constituem exemplos sólidos de inclusão, retenção e valorização de todos os colaboradores.

## ANA ALMEIDA: O PAPEL DO ENSINO SUPERIOR NA PREPARAÇÃO DOS PRÓXIMOS EMPRESÁRIOS

Ana Almeida sublinha a importância da digitalização e das competências digitais nos dias atuais. Segundo a Professora do ISCTE-IUL, a digitalização está ligada à transformação digital, alterando o modelo de funcionamento da organização sendo que é onde o ensino superior pode “fazer alguma coisa”.

Por outro lado, as competências digitais demonstram um elevado grau de digitalização ao nível do *i-governance*, apesar de em Portugal perderem no que diz respeito ao capital humano.

Ana Almeida salienta que “as pessoas têm de ser capacitadas para tomar as rédeas do seu futuro” e que “as mudanças tecnológicas mudam tudo a um nível muito acelerado o que nos leva a estar a viver a 4ª. Revolução Industrial”.

Na sua opinião, as universidades querem melhorar o que já têm e não mudar apenas por mudar, procurando melhorar a experiência do estudante.

Estamos a mudar o modo e o espaço, e isso é passível de ser verificado através da realidade aumentada, ou da realidade virtual, que permite levar a sala de aula para fora dos muros da escola e vice-versa.

Ana Almeida refere que o foco deve estar sempre no ser humano e o ensino deve focar-se na capacidade de inovação, ética, espírito crítico e consciência.

Para concluir, refere que “a partilha de dados de investigação é cada vez mais importante e um dos grandes desafios a responder pelas universidades”.

## QUESTÕES FINAIS

### 1. A INCLUSIVIDADE É UMA FORMA DE RETER AS PESSOAS NAS EMPRESAS? E A DIVERSIDADE? É TAMBÉM ELA UM FATOR?

*Teresa Gândara* - Ficarmos na nossa zona de conforto, a curto prazo perde o interesse e em nada contribui para o nosso futuro.

### 2. EXISTE AINDA A CRENÇA E O OBJETIVO DE CONSTRUIR UMA CARREIRA PARA A VIDA?

*Gonçalo Torgal* - A oferta formal (as universidades) pode aprender muito com a oferta digital (cursos online) e é esta última que nos permite estar na “crista da onda”. Na sua opinião, as escolas devem procurar reinventar-se nesse sentido.

### 3. QUE FALHAS SE VERIFICAM NOS PRÓXIMOS EMPRESÁRIOS QUANDO SAEM DAS UNIVERSIDADES PARA O MERCADO DE TRABALHO?

Algumas das falhas demonstradas pelos alunos quando saem da universidade para integrarem o tecido empresarial dizem respeito à carência da capacidade de trabalho em equipa, interdisciplinaridade nas equipas e a falta de preparação para o mundo laboral. Ou seja, as chamadas *soft skills* não são exploradas junto dos alunos e ao longo do(s) curso(s).

No desfecho do debate, de onde se retira a partilha de experiências e conhecimentos no âmbito de uma temática de interesse transversal. Na prática, concluiu-se que as instituições académicas devem preparar os alunos para os desafios do mercado digital. No caso do ISCTE-IUL, esse caminho está a ser trilhado com, por exemplo, a criação de uma licenciatura em Ciências de Dados e a inclusão desta disciplina como opcional no plano curricular de todos os cursos, sejam eles tecnológicos ou não-tecnológicos.

**Para mais informações, por favor, contactar:**

Bruna Martins | APDSI

t: 217510762

m: 925002121

e: [secretariado@apdsi.pt](mailto:secretariado@apdsi.pt)

---

#### SOBRE A APDSI

Criada em 2001, a Associação para a Promoção e Desenvolvimento da Sociedade da Informação (APDSI) tem por objetivo a promoção e desenvolvimento da transformação e inclusão digital em Portugal, reunindo com este interesse comum profissionais, académicos, empresas, organismos públicos e cidadãos em geral.

Na linha destes propósitos a APDSI tem vindo a desenvolver diversas atividades em torno de causas tecnológicas e sociais, que se traduzem num conjunto de eventos, recomendações e estudos realizados por grupos de trabalho multidisciplinares em diversas áreas de intervenção, como a Segurança, os Serviços Públicos Digitais, a Saúde, a Cidadania e Inovação Social, o Território Inteligente, a Governação das TIC, a Inteligência Digital, a Política Digital e Governança, os Futuros da Sociedade da Informação e as Competências digitais.

Em todos estes trabalhos a APDSI procura identificar as tendências de evolução e também as interações entre as tecnologias e outras dimensões sociais e económicas, contribuindo com uma visão mais aberta para a discussão e tendo como meta a eficaz perceção e implementação destes conceitos na Sociedade Portuguesa. A APDSI tem o Estatuto de Utilidade Pública e foi em 2008 reconhecida como ONGD.